



## Começo – meio – começo: a circularidade literária e afrodiaspórica de Nêgo Bispo

### *Beginning – middle – beginning: Nêgo Bispo's literary and aphyrodiasporical circularity*

Patrícia Vaz Borges

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas / Brasil

patvazborges@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9924-6454>

Carlos Antônio Magalhães Guedelha

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas / Brasil

cguedelha@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1376-7193>

**Resumo:** Transgredir da teoria decolonial à prática contracolonialista é mote dos poemas e ensaios de Antônio Bispo dos Santos, o Mestre Nêgo Bispo, no livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015). Buscamos neste artigo apresentar a circularidade afrodiaspórica proposta na dinâmica começo – meio - começo (Santos, 2015) como uma prática contra-hegemônica e contracolonialista que transgride às decolonialidades. Para isso, apresentamos conceitos basilares da teoria decolonial com aporte em textos como os Ballestrin (2013), Grosfoguel (2008), Mignolo (2017; 2020), Quijano (1992), Santos e Meneses (2009), Segato (2021), Walsh (2009). Tal teoria deságua na prática contracolonialista de Nêgo Bispo, apresentada aqui por meio de suas reflexões e poemas, produzindo, portanto, um estudo bibliográfico com objetivo de contribuir para a difusão dos estudos literários e discursivos de povos tradicionais, enfatizando a cultura, os saberes e as cosmopercepções afropoliteístas. Procuramos mostrar a urgência de se conhecer, discutir e valorizar saberes e práticas ancestrais, apresentando modos de significações do mundo silenciadas por práticas colonialistas. Cosmovisões transgressoras, decoloniais e contracolonialistas instigam-nos não a apresentar respostas, mas a formular cada vez mais perguntas.

**Palavras-chave:** literatura afrodiaspórica; Mestre Nêgo Bispo; decolonialidade.

**Abstract:** Transgressing from decolonial theory to countercolonialist practice is the motto of poems and essays by Antônio Bispo dos Santos, the Master Nêgo Bispo, in the book

*Colonização, quilombos: modos e significações* (2015). In this article, we aim to present the Afrodiasporic circularity proposed in the beginning – middle – beginning dynamic (Santos, 2015) as a counter-hegemonic and counter-colonialist practice that transgresses decolonialities. For that, we introduce basic concepts of decolonial theory based on texts such as Ballestrin (2013), Grosfoguel (2008), Mignolo (2017; 2020), Quijano (1992), Santos and Meneses (2009), Segato (2021), Walsh (2009). This theory flows into the countercolonialist practice of Nêgo Bispo, presented here through his reflections and poems, producing, therefore, a bibliographic study with the aims of contributing to the dissemination of literary and discursive studies of traditional peoples, emphasizing their culture, knowledge and Afropolytheistic worldviews. We try to show the urgency of understanding, discussing and valuing ancestral knowledge and practices, presenting modes of meaning in the world silenced by colonialist practices. Transgressive, decolonial and countercolonialist worldviews urge us not to present answers, but to elaborate more and more questions.

**Keywords:** afrodiasporic literature; Master Nêgo Bispo; decoloniality.

## Início de conversa

Ao discorrer sobre o surgimento da decolonialidade, percebemos tratar-se de uma teoria indissociável da estrutura de poder global. Neste artigo, refletimos sobre depoimentos, ensaios e poemas de um ativista quilombola para pontuar a dicotomia entre a teoria decolonial e a prática contracolonialista como elementos complementares. Em *Decolonialidade e contracolonização: o pensamento fronteiriço para além da Academia*, apresentamos um estudo resumido sobre os principais conceitos da teoria decolonial sobre aporte dos principais estudiosos da teoria e do pensamento crítico do líder indígena Ailton Krenak. Tais conceitos são interpretados pela intelectualidade de Antônio Bispo dos Santos (2015), o Mestre Nêgo Bispo, quem nos leva à prática contracolonialista. Em *O pensamento fronteiriço de Mestre Nêgo Bispo* apresentamos o intelectual quilombola e como seu pensamento dialoga com a teoria decolonial. Consideramos a dinâmica *começo – meio – começo* um dos mais necessários saberes germinados nos modos afro-confluentes de cosmo percepção de mundo. A escrita do mestre é guiada pela indagação sobre a dimensão do tempo, nos propondo pensar sobre a forma como nós, sociedades capitalistas ocidentalizadas, nos relacionamos com o tempo, nos mostrando a oposição entre *A circularidade do tempo x a urgência do horário*.

Por fim, propomos reflexões sobre o compartilhamento de saberes afrodiaspóricos e vivências contracoloniais em espaços de conhecimento e poder, tais como escolas e universidades, buscando defender e reivindicar a quebra da hegemonia epistemológica eurocêntrica, evidenciando cosmovisões afropindóricas e indígenas na busca por uma sociedade pluriversal, transgressora e orgânica.

## **1 Decolonialidade e contracolônização: o pensamento fronteiriço para além da Academia**

mesmo que queimem a escrita,  
Não queimarão a oralidade.  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade

(Santos, 2015, p. 45)

Entendemos decolonialidade ou giro decolonial como uma corrente teórica latino-americana crítica à hegemonia epistemológica eurocêntrica e aos padrões de poder global impostos pelo processo de colonização europeia. Trata-se de um movimento social, intelectual, pluriversal e em constante construção, no qual vozes e corpos subalternizados, bem como suas cosmopercepções e epistemologias, são protagonistas na formação de uma nova e urgente ordem social. Tais grupos subalternizados, constituídos por não ocidentais inferiorizados em raça, gênero, territorialidade e classe, resistem, questionam e denunciam o fosso de desigualdades que experienciamos e que segue sustentado pela estrutura racista, capitalista, cisheteropatriarcal e pelos modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019) impostos pela ideia de modernidade.

A colonização europeia sobre a América Latina originou a formação de uma nova ordem mundial, sendo esta, elemento fundante da estrutura de poder global na qual estamos imersos e que articula todo o planeta desde então. Tal perspectiva é defendida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992) em “Colonialidad y Modernidad/Racionalidad”. Nesse texto, considerado originário da teoria decolonial, Quijano apresenta o conceito de colonialidade do poder e evidencia que a partir da colonização da América

Latina criou-se uma complexa rede de organização mundial vigente até os dias atuais, imposto pelo que chamamos de países ocidentais. Este modo de dominação sustenta uma estrutura colonial global organizada em divisões sociais sistemáticas, tais como a racial, a étnica e a antropológica. Exemplo disso é a construção da ideia de pureza de sangue expressa no século XVI como base da hierarquização de pessoas, justificando a escravidão (Mignolo, 2020). Tais divisões eram antes apresentadas como fenômenos naturais, e não como fenômenos de uma estrutura projetada pelo poder. Sobre o elo entre o período de colonização europeia nas Américas e a construção da estrutura do poder global contemporâneo, Quijano (1992, p. 12) pontua que

se observarmos as principais linhas de exploração e dominação social em escala global, as linhas matriciais do atual poder mundial, sua distribuição de recursos e trabalho entre a população mundial, é impossível não ver que a grande maioria dos explorados, dos dominados, dos discriminados, são exatamente os membros das “raças”, dos “grupos étnicos”, ou das “nações” em que foram categorizadas as populações colonizadas, no processo de formação desse poder mundial, a partir da conquista da América<sup>1</sup> (Quijano, 1992, p. 12, tradução nossa).

O fundamento etnoracial da modernidade se deu por meio de três acontecimentos básicos: “a vitória da Cristandade sobre os mouros e os judeus, a colonização dos índios americanos, e a implantação da escravatura no Novo Mundo” (Mignolo, 2020, p. 216). Grosfoguel (2008, p. 122), reflete que a chegada do “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/ europeu” às Américas, trouxe “hierarquias globais enredadas e coexistentes no espaço e no tempo”, pontuando que “aonde quer que chegassem, traziam consigo os seus preconceitos culturais e formavam estruturas heterárquicas de desigualdade sexual, de gênero, de classe e raciais” (Grosfoguel, 2008, p. 134).

---

<sup>1</sup> “si se observan las lineas principales de la explotación y de la dominación social a escala global, las líneas matrices del poder mundial actual, su distribución de recursos y de trabajo entre la población del mundo, es imposible no ver que la vasta mayoría de los explotados, de los dominados, de los discriminados, son exactamente los miembros de las “razas”, de las “etnias”, o de las “naciones” en que fueron categorizadas las poblaciones colonizadas, en el proceso de formación de ese poder mundial, desde la conquista de América en adelante”

Para melhor entendermos as consequências de tais acontecimentos trazemos o conceito de interseccionalidade como uma ferramenta que

visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p. 14).

Os colonizadores promoveram um sistema brutal de repressão a tudo aquilo que não fosse útil à expansão da dominação, promovendo o apagamento de diversas epistemologias, cosmopercepções e modos de significações de povos que resistiram às violências coloniais. A imposição da incorporação de padrões eurocentrados foi/é ferramenta fundamental “não apenas para impedir a produção cultural dos dominados, mas também como meios muito eficazes de socialização e controle cultural, quando a repressão imediata deixou de ser constante e sistemática” (Quijano, 1992, p. 12). Traduzo tal perspectiva para cosmopercepção afropindoramica de Nêgo Bispo no poema

Extraímos os frutos das árvores  
Expropriam as árvores dos frutos  
Extraímos os animais da mata  
Expropriam a mata dos animais  
Extraímos os peixes dos rios  
Expropriam os rios dos peixes  
Extraímos a brisa do vento  
Expropriam o vento da brisa  
Extraímos o fogo do calor  
Expropriam o calor do fogo  
Extraímos a vida da terra  
Expropriam a terra da vida  
Politeístas!  
Pluristas!  
Circulares!  
Monoteístas!  
Monistas!  
Lineares!  
(Santos, 2015, p. 17)

No atual contexto histórico de crises científicas, ambientais e sociais, no qual é evidente, em escala global, uma estrutura que exclui, inferioriza, marginaliza e mata mulheres e corpos racializados, faz-se urgente questionar o paradigma europeu hegemônico de racionalidade/modernidade. Cosmopercepções indígenas e quilombolas entendem a Terra como a nossa mãe, defendem sociedades matriarcais. A natureza é feminina, e sabemos o significado de feminino em uma sociedade patriarcal. A infinita diversidade presente na natureza nos ensina que os gêneros também são diversos. Os povos circulares, aqueles que se organizam em círculos, sejam eles aldeias ou quilombos, os ribeirinhos, caiçaras, os que dançam na gira, os que praticam a dinâmica do começo – meio – começo (Santos, 2015) são os mais próximos à natureza. São os que contestam a ideia capitalista de desenvolvimento e progresso a custo da exploração da natureza e de si próprios. São povos que habitam a natureza e são constantemente atacados por mineradoras, garimpo e agronegócio. A exploração do território e de populações escravizadas no período da colonização europeia fundou as estruturas econômicas, socioculturais e epistêmicas no Sul global. O conceito de Sul trabalhado aqui se sobrepõe ao geográfico, tratando-se do conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que não se desenvolveram economicamente como países da Europa e América do Norte (Santos; Meneses, 2009).

Essa relação de submissão pode ser evidenciada desde o nome imposto ao território latino-americano. Em entrevista concedida ao saudoso Jaider Esbell, publicada em 16 de julho de 2019, no canal UnBTV, no Youtube, o intelectual indígena Ailton Krenak pontua que chamar esse continente de América é de uma rendição absoluta a todo discurso colonialista, é homenagear Américo Vespúcio, navegador italiano a serviço dos Reinos de Espanha e Portugal (Diálogos [...], 2019).

Em entrevista à produção *Guerras do Brasil.doc*, de Luiz Bolognesi (2018), Krenak discute, o mito de origem criado sobre o processo de colonização da América latina e nos explica que

O Brasil não existiu, o Brasil é uma invenção e a invenção do Brasil, ela nasce exatamente da invasão. [...] Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença e se os brancos tivessem educação eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles povos e produzido outro tipo de experiência, mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e

escravizar o povo que vivia aqui. [...] eles podiam ter todos morrido de inanição, escorbuto ou qualquer outra pereba nesse litoral se essa gente [indígenas] não tivesse acolhido eles, ensinado eles a andar aqui e dado comida para eles porque os caras não sabiam nem pegar um caju, eles não sabiam, aliás, que caju era uma comida. E eles chegaram aqui famélicos, doentes e o Darcy Ribeiro diz que eles fediam. Quer dizer, baixou uma turma na nossa praia que estava simplesmente podre. [...] Durante muito mais do que cem anos, o que os índios fizeram foi socorrer brancos flagelados chegando na nossa praia. Querer configurar isso como uma conquista nos termos de uma guerra de conquista, do que aconteceu no México, no Peru e em algumas outras regiões, seria ignorar a extensão dessa costa atlântica. Para ocupar, pra chegar ao mesmo tempo em todas essas bacias que desembocam no Atlântico você não tinha que ter uma canoa com trinta e sete português, você tinha que ter trezentas canoas, com pelo menos uns três mil e tantos português pra chegar na nossa praia (Guerras [...], 2018).

Com as populações colonizadas, uma diversidade de culturas e epistemes foi dizimada. Sobreviventes foram inferiorizados e marginalizados, os territórios foram submetidos à hegemonia eurocêntrica e à lógica colonialista/capitalista. A ideia de soberania entre nações foi arrematada pelo mercado. Outros sistemas sociais e maneiras de entender a vida foram suprimidos. João Paulo Barreto, o Yupuri, antropólogo indígena Ye'pamahsã (Tukano) pontua que, conforme dados arqueológicos, há 14 mil anos povos indígenas vêm habitando o território latino-americano manejando a terra, a floresta, os rios, os animais e desenvolvendo tecnologias em alimentação, cerâmicas, medicina, enquanto o sistema epistemológico hegemônico que adotamos hoje é baseado em modelos de conhecimentos impostos há 523 anos.

Nós fomos obrigados a negar todo esse nosso conhecimento. E nós somos obrigados a negar na medida que entramos na escola, na medida que nós estamos sendo catequizados, na medida que nós entramos na cidade nós somos obrigados a negar esse conhecimento (Entrevista [...], 2021).

Conforme pontua Quijano (1992, p. 19), “a crítica ao paradigma europeu da racionalidade/modernidade é indispensável, mais que isso, é urgente”. O sociólogo propõe uma descolonização epistemológica pautada

em relações interculturais livres da prisão colonial, bem como a liberdade de todos os povos de escolherem como se darão tais relações. A organização de um processo de libertação social que promova o combate às dominações, explorações, discriminações e desigualdades.

A proposta de decolonização epistemológica apresentada por Quijano é repercutida de forma ampla nas correntes de pensamento do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) formado por intelectuais de universidades da América no final da década de 1990. Inspirado no Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos, um grupo de intelectuais latino-americanos se encontra nos Estados Unidos com o objetivo de inserir a América Latina aos debates pós-coloniais, formando o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos. Considera-se como marco de formação do grupo, o *Manifesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos* (1998) (Ballestrin, 2013).

Ainda segundo Ballestrin (2013), o semiólogo argentino Walter Mignolo constata divergências teóricas e defende que o grupo de estudos latino não deveria se espelhar no contexto do grupo sul-asiático por conta da especificidade histórica da América no desenvolvimento do capitalismo, sendo o primeiro continente a sofrer a exploração colonial/moderna. Grosfoguel (2008) complementa, ao criticar a preferência dos pesquisadores do grupo latino por teóricos eurocentrados como Foucault, Derrida, Gramsci e Guha, sendo os dois primeiros do cânone pós-estruturalista/pós-moderno ocidental e apenas o último a pensar a partir do Sul. “Ao preferirem pensadores ocidentais como principal instrumento teórico, traíram o seu objetivo de produzir estudos subalternos” (Grosfoguel, 2008, p. 116).

Com a oposição entre pesquisadores que consideravam a subalternidade uma crítica pós-moderna (logo, eurocêntrica) àqueles que a viam como uma crítica decolonial (subalternizados criticando o eurocentrismo), o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos foi desmembrado e uma pequena parte dos pesquisadores passou a integrar o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), sendo Walter Mignolo um dos seus fundadores.

Mignolo (2017, p. 14) apresenta decolonialidade como “um conceito cujo ponto de origem foi o Terceiro Mundo”. Para além de uma proposta teórica, a pedagoga e linguista norte-americana Catherine Walsh (2009) define como decolonial todo processo de luta que cria condições, posições,

relações em estruturas novas, diferentes e transformadas. Segundo Ballestrin (2013, p. 105),

giro decolonial é um termo cunhado originalmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005 e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade.

Sendo a decolonialidade transgressora, o que se propõe por intelectuais de áreas diversas é um compromisso com a desobediência epistêmica, com a igualdade global e a justiça econômica (Mignolo, 2017), transcendendo os conceitos de modernidade e pós-modernidade.

Vale pontuar que a decolonialidade não propõe negar ou deslegitimar as epistemes científicas ocidentais, mas sim reivindicar que este conhecimento não é único, universal e absoluto, ou seja, “não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica” (Mignolo, 2017, p. 15). Não se trata, portanto, de uma proposta fundamentalista contra a modernidade, mas sim de uma redefinição na proposta de emancipação moderna, pensada

a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. [...] É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica (Grosfogel, 2008, p. 138).

Percebemos a superação do conceito de modernidade eurocentrada como reivindicação do pensamento fronteiriço que, para Mignolo (2017, p. 17), “é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial”. Com isso, percebemos a conexão entre a decolonialidade e o pensamento fronteiriço, pois à proposta decolonial interessa a protagonização de epistemologias e cosmopercepções colonizadas. Proponho entendermos, então, o pensamento fronteiriço como principal ferramenta da decolonialidade do saber, pois, na perspectiva decolonial, as fronteiras não são somente o espaço onde

as diferenças são reinventadas, são também espaços enunciativos de formulação de conhecimentos a partir de subalternizadas.

Logo, para acessarmos uma realidade decolonial sobre conhecimento é necessário que nos voltemos ao que Mignolo (2017, p. 17) chama de “reservatório de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã, a qual, desde o Renascimento, continuou expandindo-se através da filosofia e das ciências seculares”.

A hegemonia das ciências sociais eurocêntricas promove e sustenta a colonialidade no campo intelectual. O pensamento fronteiriço age combativamente dentro desta estrutura de conhecimento fundada pela civilização ocidental. Visto isso, entendemos o pensamento fronteiriço como uma outra lógica que, apesar de não conseguir evitar a globalização do legado europeu, não se sustenta somente nele. Uma perspectiva subalternizada questionando o eurocentrismo e construindo condições para experienciar “a diversalidade como projeto universal” (Mignolo, 2020, p. 219). Sendo a decolonização epistemológica pautada em relações interculturais livres da prisão colonial, propomos uma análise da relação entre a teoria decolonial academicista e a prática contracolonialista quilombola de Antônio Bispo dos Santos, o Mestre Nêgo Bispo.

## 2 O pensamento fronteiriço de Mestre Nêgo Bispo

Preto, quilombola, nordestino, Nêgo Bispo nasceu no Vale do Rio Berengas, antigo povoado Papagaio, município de Francinópolis/PI. Hoje mora no Quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí, a cerca de 450 quilômetros de Teresina, Piauí. Compõe a primeira geração da família de sua mãe a ter acesso à alfabetização. “É lavrador formado por mestras e mestres de ofício” (Santos, 2015), ativista político e militante quilombola. Com ensino fundamental completo, foi professor da disciplina Encontro de Saberes na Universidade de Brasília (UnB) em 2012 e 2013. Vem se destacando também como filósofo, escritor e poeta. Esta minibiografia, com dados apresentados na orelha do livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), traz os principais pontos citados em trabalhos, entrevistas e diversos eventos de que Bispo participa.

Apesar de circular bem por ambientes acadêmicos, a denúncia e a contestação ao sistema global hegemônico eurocêntrico são feitas não a partir de instituições de ensino, mas a partir das vivências quilombistas.

A partir daqueles que carregam saberes ancestrais sobre luta e resistência às constantes violências fundadas há 523 anos, dos que estão sendo violentados nesse momento. Dos que podem apresentar possibilidades reais de organização igualitária, anticapitalista, diversa e de interação com os outros seres, de conexão com a Terra.

Nêgo Bispo se apresenta como um relator de saberes e vem compartilhando, em seus poemas e ensaios, os modos de significações e de vida da cosmopercepção visão politeísta. Em *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), seu segundo livro, Bispo reflete sobre presente, passado e futuro, analisando a relação entre a colonização e a estrutura sociorracial no Brasil contemporâneo. O intelectual relembra a trajetória de construção de ataques às comunidades quilombolas dos Palmares (AL), Pau de Colher (BA e PI), Canudos (BA) e Caldeirões (CE), evidenciando, a partir da perspectiva quilombista, a atualização e a continuidade desses ataques nos dias atuais, práticas sustentadas pelo capitalismo e pela ideia predatória de progresso. Bispo analisa o que Quijano nos apresenta como colonialidades.

O mestre nos presenteia com um ensaio sobre a resistência quilombola à complexa e permanente rede de dominação colonial imposta a povos não europeus, enfatizando a religiosidade como um instrumento fundamental para a colonização de povos politeístas. Para isso, ele apresenta documentos históricos que demonstram o uso de argumentos religiosos para validar a exploração de corpos racializados. Nêgo Bispo escancara as violências coloniais promovidas pelo Estado e sustentadas pelo Cristianismo monoteísta ocidental, explicando que:

Tendo a religiosidade se apresentado como fator preponderante no processo de colonização e também por acreditar que a religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida entre os diferentes povos e sociedades, busquei compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra colonização (Santos, 2015, p. 20).

Relembremos que, na perspectiva decolonial, para além de um lugar onde as diferenças são reinventadas, fronteiras são espaços enunciativos de

formulação de conhecimentos a partir de perspectivas e cosmopercepções subalternizadas pelo processo colonial. Com isso, podemos entender os quilombos como espaços fronteiriços, como reservatórios “de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã” (Mignolo, 2017, p. 17).

Para a norte-americana Catherine Walsh (Colóquio [...], 2018), o decolonial não é uma perspectiva teórica, mas uma práxis. É parte de um projeto de vida, se torna parte de lutas reais e de processos de transformações. Trata-se, não simplesmente de escrever livros e falar de teorias, mas de como vivemos e sentimos as colonialidades diárias e de como criamos espaços para construir algo diferente. Este argumento de Walsh, sustentado por Mignolo (2017), Grosfoguel (2018) e entusiastas da teoria decolonial em geral é contestado por Bispo.

Ao participar de mesa-redonda no X ENABET – Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, realizada em formato online no dia 9 de novembro de 2021, com transmissão no canal da ABET – Associação Brasileira de Etnomusicologia, no Youtube, o Mestre situa o decolonial como teoria sim, nos apresentando a prática contracolonialista como

uma luta, é uma prática, é uma civilização que pode agregar também outras pessoas, mas ela *germina dentro da cosmovisão politeísta e dentro dos modos de vida afro-confluentes ou dos modos de vida dos povos originários*<sup>2</sup>. A decolonialidade ela é recente, a decolonialidade é uma teoria, ela não é uma trajetória. Não existe uma comunidade, eu não conheço, pode existir - quem souber me ajude - se existe uma comunidade ou um povo que forjou a decolonialidade e venceu lutas através desse conceito (Mesa-redonda 1, 2021, grifo nosso).

Como percebe-se, o filósofo quilombola apresenta pensamento semelhante ao de Walsh, mas nos explica as diferenças entre esse conceito teórico e a prática contracolonialista. Ao analisar as significações do prefixo “de”, Bispo nos explica que

Como “de” eu compreendo como depressão, deterioração, decomposição... bom, se alguém acha que vai conseguir deprimir o colonialismo, decompor, deteriorar, eu acho que cumpra o seu papel, [...] eu prefiro impedir que ele [colonialismo] continue acontecendo

---

<sup>2</sup> Todos os grifos nas citações, doravante, são nossos.

e isso pra mim é ser contra e não ser “de”. Mas eu acho que quem é “de” é importante [...] na minha compreensão, a decolonialidade pode acontecer, é importante que ela aconteça (Mesa-redonda 1, 2021).

Para nos explicar a importância da decolonialidade, o mestre fala sobre as conversas que tem com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, constantemente citado por Bispo como sendo um dos melhores representantes da decolonialidade morando na Europa. Com sabedoria mestra, Nêgo Bispo metaforiza o capitalismo, a relação entre colonizador e colonizado e, ao evidenciar sua cosmopercepção sobre o papel do decolonial, nos concede uma importante reflexão sobre a dinâmica *começo, meio, começo*,

Boaventura de Sousa Santos vai nos fazer uma grande contribuição ensinando a geração neta dele que ela não deve vir para cá tentar nos colonizar. Se ele fizer isso, ensinar a geração neta dele a não nos atacar, ela já cumpriu o seu papel. [...] não acredito que ele esteja ensinando a geração neta deles a deixar de nos atacar. E depois, por mais que ele estivesse ensinando, eu fui um adestrador e eu sei que a onça, por melhor adestrada que seja, se estiver com fome ela é predadora e ela vai pensar que eu sou alimento dela. Então, eu não confio no animal adestrado, no predador adestrado, porque a fome é quem predomina. Então, a nossa função como quilombo, como povos indígenas e como contracolonialistas, como pessoas que queiram se agregar à luta quilombola, que queiram se agregar à luta indígena, a nossa função é preparar cada vez mais a nossa geração neta para se *defender da geração neta dos colonialistas* (Mesa-redonda 1, 2021).

### 3 A circularidade do tempo x a urgência do horário

De repente um cheiro  
Um cheiro vadio,  
Um cheiro de cio,  
Cheiro de tesão  
De repente um cheiro  
Um cheiro úmido  
De corpos fecundos  
Choveu no Sertão

(Santos, 2015, p. 78)

Da colonização à contemporaneidade, em uma sociedade ocidentalizada e capitalista, a relação entre tempo e dinheiro gera, desde a nossa infância, mapeamentos como *o ato de viver é utilitário*. Pessoas sem tempo são pessoas ocupadas, atarefadas, trabalhadoras, workaholics e essa postura é admirável em nossa sociedade. Grandes executivos, poderosos de terno e gravata, os que só têm tempo para o trabalho são exemplares, enquanto os que não se inserem nesse sistema trabalhista são mal-vistos, tratados como desocupados. Tal concepção colonialista vem adoecendo pessoas por todo o mundo, sejam as que ficam estafadas por acumular funções em busca de status social, as que são mão de obra explorada nas empresas dos grandes executivos e que, dificilmente, enriquecerão como o patrão, ou ainda, as que preferem fruir a vida e são julgadas por isso. Refletir sobre a intelectualidade de Nêgo Bispo cria um campo de pensamento que entende e descreve a (cosmo)lógica de povos afrodiaspóricos em contraste com a estrutura de saber colonialista.

Em 30 de janeiro de 2023, o Instituto Parentes<sup>3</sup> nos presenteou com a fala de Nêgo Bispo em Aula Magna online<sup>4</sup> de boas-vindas à turma do curso de Pós-graduação em Psicologia Social e Comunidades. “A gente não tem a vida, a gente vive a vida. A vida não é para se ter, é para se viver” foi uma das primeiras reflexões do Mestre que nos instruiu a pensar que a vida pode ser orgânica (o ser) ou sintética (o ter). Para Nêgo Bispo, é muito necessário termos “o tempo de ouvir”. “Só a vida humana tem horário, todas as outras vidas têm tempo”. Durante a aula, Nêgo Bispo nos lembrou ainda que “Exu não é cronológico; o que chamamos de demora, Exu chama de processo”.

Consideramos a dinâmica *começo – meio – começo* um dos mais necessários saberes germinados na cosmopercepção politeísta e nos modos afro-confluentes de visão de mundo. Segundo mestre Bispo, “o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro” (Santos, 2015, p.19). O intelectual explica que nos quilombos os conhecimentos são passados de geração para geração, sendo a geração avó

---

<sup>3</sup> De Fortaleza (CE), o Instituto Cooperativo Parentes é um projeto sociocultural criado em novembro de 2020 com a primeira turma da Formação em Saúde Mental, em parceria com o Movimento de Saúde Mental (MSM). Maiores informações em: <https://institutoparentes.com.br/>.

<sup>4</sup> A gravação da aula foi gentilmente cedida pelo Instituto Parentes, disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1y-cnkK4WCPKLPTM319rJqW9GUpsL136?usp=gmail>.

o começo, a geração mãe o meio e a geração neta o começo de novo. Ele questiona: como pode ser possível botar a geração neta na creche e a geração avó no asilo? A escrita do mestre é guiada pela indagação sobre a dimensão do tempo, nos propondo pensar onde começa e onde termina o passado e o presente. E o futuro, onde começa?

Bispo conta que não escreveu *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015) para ser um *best-seller*, mas para ser lido por quilombolas e agentes da prática contracolonialista, declarando-se um dos maiores leitores do próprio livro. Ele compartilha que relê o livro cada vez que enfrenta uma dificuldade e que, ao se reencontrar com as reflexões no texto, está conversando com Mãe Joana, Tio Norberto e Tia Nonata. “Estou conversando com a minha geração avó e estou conversando com a minha geração neta” (Itaú Cultural, 2020).

### **Palavras finais – Vivas, Vivas!**

Espaços de conhecimentos como escolas e universidades são instituições nas quais vivenciamos a colonialidade intelectual. A história do Brasil, por exemplo, ainda é contada sob perspectiva de um mito de origem extremamente colonial, no qual povos e nações explorados, seus símbolos de resistência e a importância histórica das suas lutas são apagados ou inferiorizados. A narrativa da “descoberta” ainda está presente nas escolas e isso demonstra o quanto se fazem urgentes propostas de ensino decolonial no país. Se quisermos propostas e iniciativas que, efetivamente, quebrem paradigmas eurocêntricos e colonialistas, os intelectuais do nosso tempo, as nossas referências devem ser representantes dos povos indígenas e quilombolas, as mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+, os chamados grupos subalternizados.

Nas universidades, berço de reprodução da epistemologia hegemônica eurocêntrica, a colonialidade intelectual orienta diversas pesquisas mundo a fora. Com obra já traduzida para o inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, Ailton Krenak (Diálogos [...], 2019) metaforiza ao entender a teoria decolonial como uma espécie de hemodiálise, uma troca de sangue para que esta instituição, tipicamente colonial, continue funcionando à medida que

a crise da filosofia, das ciências do ocidente, elas estão confrontando essas super estruturas com a questão de qual a validade dos seus

métodos, qual a validade do seu *modus* de estar no mundo de um mundo que está indo para o abismo? [...] as nações, os povos foram capturados por essa coisa do mercado, as corporações ‘manda’ no mundo, a maior parte das universidades do mundo inteiro são subordinadas também, elas desenvolvem pesquisas e projetos para atender à dinâmica de mercado, atender o interesse de corporações. [...] inclusive muitos intelectuais que continuam por aí na cena, produzindo, eles convivem com isso como peixe n’água (Diálogos [...]), 2019).

Com o que foi levantado até aqui, buscamos contribuir com a difusão dos pensamentos de Nêgo Bispo em espaços acadêmicos por considerarmos a obra do intelectual quilombola de extrema relevância para o desenvolvimento do pensamento decolonial no Brasil, se analisada sob a perspectiva teórica e academicista na qual o conceito decolonial nasceu. Entender, minimamente, o papel social das instituições de poder, entre elas, os espaços de ensino como escolas e universidades nos leva a perceber a urgência em ocupar as instituições de ensino e questionar a hegemonia eurocêntrica em todas as estruturas sociais, visto que

A universidade é o corredor que é preciso atravessar para acessar as posições em que se decide o destino dos recursos da nação. Por isso mesmo, a universidade é o viveiro da elite que administra o setor público e o setor privado. Ao ameaçar democratizar a universidade em termos raciais, estamos ameaçando o próprio coração da colonialidade, como padrão que garante a reprodução da ordem eurocêntrica e seu olhar racista sobre os corpos e os saberes (Segato, 2021, p. 31).

Diferentemente da concepção das sociedades estruturadas pela hegemonia epistêmica ocidental, que têm no consumo o motor da vida, que nos separa da natureza e nos impulsiona a predação do planeta, podemos perceber, por meio do pensamento de Nêgo Bispo, possibilidades de emancipação do modo de vida praticado pelas sociedades capitalistas, das relações de poder, da ideia de modernidade, economia e tempo, de como nos relacionamos com outras as outras vidas do planeta e com o organismo vivo que é a Terra. Vale encerrar com a já citada constatação de que cosmopercepções transgressoras, decoloniais e contracolonialistas instigam-nos não a apresentar respostas, mas a formular cada vez mais perguntas.

## Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Femininos plurais) Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/web/up/1154/o/Interseccionalidade\\_\(Feminismos\\_Plurais\)\\_-\\_Carla\\_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/web/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 01 out. 2022.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYYPbwwXH55jhv/?format=pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022
- COLÓQUIO Decolonialidade – Catherine Walsh. [S. l: s. n.], 24 abr. 2018. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal IV Colóquio Decolonialidade Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k66AztrWDAw>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- DÍALOGOS: Desafios para a decolonialidade. [S. l: s. n.], 16 de jul. 2019. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal UnBTV. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qFZki\\_sr6ws&t=334s](https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=334s). Acesso em: 8 ago. 2021.
- ENTREVISTA com João Paulo Lima Barreto. [S. l: s. n.], 5 de fev. 2021. 1 vídeo (33 min) Publicado pelo canal Índioscast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wO67rEWBNEg>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- GROSGUÉL, Ramón G. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução: Inês Martins Ferreira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, p. 115-147, mar. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>. Acesso em: 03 mai. 2022
- GUERRAS do Brasil.doc. Episódio 1 – As Guerras da Conquista. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Roteiro: Denilson Monteiro, Felipe Milanez, Gil Alessi, Henrique Crespo, José Francisco Botelho, Luiz Bolognes, Victor Fish. São Paulo: Buriti Filmes, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81091385?s=i&trkid=258593161&vlang=pt&clip=81130299>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- ITAÚ CULTURAL. *Mekukradjá 2020 – Não somos donos da teia da vida, apenas de um de seus fios*. 12 nov. 2020. 1 vídeo (1 h 53 min). Facebook: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.facebook.com/itaucultural/videos/370918354356695/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MESA-REDONDA 1. [S. l.: s. n.], 9 nov. 2021. 1 vídeo (1 h 53 min). Publicado pelo canal Associação Brasileira de Etnomusicologia – ABET. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TeJmAg76ELU>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 01 mai. 2022.

MIGNOLO, Walter. D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. *Revista Lusófona de Educação*, v. 48. p. 187-224, 2020. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324>. Acesso em: 03 mai. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. *Perú indígena*, Lima. v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015. Disponível em: [http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao\\_Quilombos.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf). Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias\\_do\\_sul\\_boaventura.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf). Acesso em: 20 fev. 2022.

SEGATO, Rita. *Crítica da Colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala, 2009.